

DOS SIE



> <https://doi.org/10.20396/proa.v13i00.18581>



Musicar, Audiovisual e Multimodalidade

Alice Villela

> licevillela@gmail.com

Universidade Estadual de Campinas

Mihai Andrei Leaha

> mihailleaha@gmail.com

Universidade de Barcelona

Yuri Prado

> yuripradobs@gmail.com

Universidade de São Paulo

PROA

Revista de Antropologia e Arte



> Musicar, Audiovisual e Multimodalidade

Alice Villela

 <https://orcid.org/0000-0002-4729-9412>
> licevillela@gmail.com
Doutora em Antropologia Social
Universidade Estadual de Campinas

Mihai Andrei Leaha

 <https://orcid.org/0000-0002-3684-9693>
> mihaileaha@gmail.com
Doutor em Antropologia Visual
Universidade de Barcelona

Yuri Prado

 <https://orcid.org/0000-0003-2205-4512>
> yuripradobs@gmail.com
Doutor em Música
Universidade de São Paulo

2

A relação entre a etnografia, a música e a mídia audiovisual é marcada por uma grande interdependência. Em muitas situações de trabalho de campo, a presença de equipamentos capazes de gravar áudio e vídeo possibilitou a documentação de práticas musicais, mesmo quando a música não estava no centro das preocupações do projeto de pesquisa. Em outros casos, a própria multissensorialidade dessas práticas inspirou a adoção do audiovisual como meio de documentação, na medida em que ela possibilitava a gravação não somente da música em sua forma sonora, mas também, dos rostos, corpos, vozes e gestos de seus praticantes, do modo de fabricação e execução instrumental, e das interações e do entorno de uma performance. Este dossiê pretende explorar precisamente essas interdependências e a relação com a multimodalidade, considerada como um ato musical, multissensorial e reflexivo de comunicação, que vem marcar um novo contexto para pesquisas e explorações de metodologias nos campos da antropologia e da etnomusicologia¹.

¹ Embora, como veremos, a noção de multimodalidade possa abarcar o audiovisual (aqui entendido como o filme etnográfico), fazemos uma distinção entre os dois termos por considerarmos, assim como Grimshaw (2022), que o segundo possui um corpo extenso de obras, práticas e reflexões que faz com que ele seja merecedor de considerações específicas.

Fazeres musicais são, há muito tempo, temas de filmes etnográficos devido ao interesse da antropologia pelo estudo de rituais de diferentes povos e grupos. Uma das experiências pioneiras nesse sentido é o filme *Trance and Dance in Bali*, de Margareth Mead e Gregory Bateson, editado em 1952, mas filmado entre 1936 e 1939. O interesse em filmar fazeres musicais especificamente dentro do campo da etnomusicologia e da antropologia da música é também antigo e remonta a meados do século XX. Alfons M. Dauer, do IWF - Institute for Scientific Film (Alemanha), realizou expedições filmadas à África nos anos 1960 que renderam uma série sobre música e dança (DAUER, 1969), e o pesquisador austríaco Gerhard Kubik registrou padrões da música africana com uma câmera em 8mm, adicionando posteriormente o som gravado de forma separada (KUBIK, 1970)². Na França, os etnomusicólogos Gilbert Rouget e Germaine Dieterlen realizaram alguns experimentos audiovisuais em parceria com Jean Rouch aproveitando a novidade do cinema sincrônico³.

A produção de filmes etnográficos dentro do campo da etnomusicologia e da antropologia da música foi se ampliando com o passar dos anos, a ponto de, ainda na década de 1970, Steven Feld (2016 [1976]) ter realizado um estudo global sobre essa produção⁴. Nos anos recentes, pesquisadores engajados na produção de filmes têm realizado um crescente movimento de afirmação do campo da etnomusicologia audiovisual, através da criação, em 2015, do Grupo de Estudos em Etnomusicologia Audiovisual do International Council for Traditions of Music and Dance (ICTMD), da realização de simpósios, do lançamento de livros (HARBERT, 2018; D'AMICO, 2020) e da fundação do *Journal of Audiovisual Ethnomusicology* em 2022, que publica filmes etnográficos⁵.

Há algumas décadas, os estudiosos que se utilizavam de ferramentas de registro de imagem e som, então uma classe seleta de pesquisadores e realizadores entusiasmados com a revolução tecnológica da época – a possibilidade da captação de sons e imagens em sincronia e o emprego de equipamentos leves e portáteis –, não podiam imaginar onde nos levaria o fenômeno global do advento da internet, que naquele período era mais uma promessa do que uma realidade. Hoje, com o surgimento dos aparelhos celulares, todos temos uma câmera de vídeo portátil a baixo custo, o que possibilita com que qualquer

2 Para uma análise desses trabalhos e de outras pesquisas envolvendo a documentação de culturas musicais, ver Simon (1989).

3 Rouget (1965) discute o processo de realização do filme *Batteries Dogon*, dirigido em parceria com Jean Rouch. Outros filmes de Jean Rouch tematizam a música e o fazer musical, como, por exemplo, *Yenendi de Gangel* e *Sigui* (FELD, 2016 [1976], p. 297).

4 Feld possui uma produção de filmes (além de CDs) derivados de seus diversificados campos de pesquisa etnográfica (Papua Nova Guiné, Acra no Gana, entre outros), a partir do paradigma da antropologia do som e da acustemologia (Feld, 2020). Seu trabalho mais recente é *Voices of the Rainforest* (2019), um filme-concerto derivado do CD homônimo (1991) gravado entre os Bosavi, da Papua Nova Guiné. Ver: <http://www.stevenfeld.net/voices-of-the-rainforest>

5 Disponível em: <https://javem.org>

pesquisador possa documentar seu trabalho de campo. Além disso, as redes sociais e as plataformas de compartilhamento de vídeos tornaram a circulação desses materiais muito mais fácil. Estamos todos, pesquisadores ou não, frequentemente realizando a documentação de nossas vidas.

Na produção de filmes e materiais audiovisuais nas pesquisas sobre universos musicais, não é possível ignorar esse contexto da era digital, o que nos coloca a questão se deveríamos, inclusive, mudar a forma de nos referirmos aos campos da etnomusicologia audiovisual ou à própria antropologia visual de forma a contemplarmos esse desenvolvimento tecnológico. Pensando nisso, em 2017 a influente revista *American Anthropologist* rebatizou o título de sua seção de antropologia visual como “Antropologias Multimodais”, seguindo um crescente consenso de que a produção de filmes etnográficos precisa abraçar ativamente formas de trabalho em muitas novas plataformas de mídia digital (WRIGHT, 2020, p. 50).

É, portanto, necessário considerar os recentes desenvolvimentos do que tem sido chamado de multimodalidade (COLLINS, DURINGTON e GILL, 2017). O termo diz respeito ao reconhecimento de um contexto de pesquisa completamente diferente, devido às ecologias midiáticas em constante mudança e a heterogeneidade de linguagens da pesquisa antropológica⁶ (filme, fotografia, diálogos, mídias sociais, cinética etc.). Assim, para compreender toda a gama do “sensorium”, é necessário ir além da dicotomia palavra-visão e pensar o textual e o visual como apenas algumas das linguagens possíveis para a descrição e a representação de experiências. Nesse sentido, a multimodalidade não deseja substituir a antropologia visual, mas sim diversificar as linguagens e produtos de pesquisa através de práticas experimentais. Ao mesmo tempo, a multimodalidade é um chamado para que os pesquisadores reflitam sobre o pós-vida da mídia e seus preconceitos institucionais. Trata-se, portanto, de uma postura crítica sobre os limites e perspectivas do fazer acadêmico, buscando uma prática de pesquisa mais inclusiva, decolonial, reflexiva e colaborativa.

Ao observar a multiplicidade de conferências, periódicos, grupos de trabalho e interesses didáticos em multimodalidade ao longo da última década ou mais, pode-se afirmar que ela se tornou um novo paradigma para a pesquisa antropológica, que pode ser entendido de duas maneiras. A primeira está baseada nas teorias da comunicação (KRESS e LEUWEN, 2017) e tende a considerar o ato de comunicação como um ato multissensorial que envolve todos os modos possíveis de comunicação verbal e não verbal. Como consequência, para esta abordagem, questões de reflexividade e política relacionadas à produção em antropologia estão sendo ampliadas. Como observam Dattatreyan e Marrero-

⁶ Embora estejamos tomando a noção de multimodalidade a partir dos seus desenvolvimentos nas pesquisas em antropologia, isso não exclui a possibilidade de ela ser utilizada em outros campos de estudo, como veremos nos artigos que compõem este dossiê.

-Guillamón em seu artigo recente sobre invenções multimodais (2019), há uma postura política relacionada à ideia de invenção, que desafia o método de trabalhar com “questões de pesquisa” preexistentes muito caras ao trabalho antropológico: “as invenções multimodais não são construídas em torno de um ‘objeto’, ‘ideia’ ou ‘prática’ pré-existente a ser representada. Em vez disso, elas encenam encontros nos quais o inesperado, o imprevisível e o outro podem ser coproduzidos” (DATTATREYAN e MARRERO-GUILLAMÓN, 2019, p. 224, tradução nossa).

A ideia de coprodução e colaboração é central para a investigação e pesquisa multimodal. Nesse sentido, o que é conhecido na antropologia como “trabalho de campo”, baseado na observação participante, está sendo posto em reavaliação. O campo não é apenas um local para a produção de dados empíricos, que requer observação a longo prazo, mas um local de produção conjunta de problemas, onde praticamos diferentes formas de estar com os outros. Nesse sentido, o trabalho de campo se torna um dispositivo, um local de experimentação onde compartilhamos a construção do conhecimento e suas representações com aqueles que, mais do que interlocutores, são reconhecidos como nossos parceiros epistêmicos (ESTALELLA; SÁNCHEZ-CRIADO, 2018, p.20). Além disso, a multimodalidade entende o trabalho de campo como uma experiência de compartilhamento do sensível. Nas palavras de François Laplantine, uma antropologia modal significa que “observamos, ouvimos, falamos com outros, compartilhamos sua culinária, tentamos sentir junto com eles o que eles experimentam” (LAPLANTINE, 2015, p. 2, tradução nossa).

O segundo significado do termo está relacionado à sensorialidade. Baseando-se em desenvolvimentos recentes da antropologia sensorial (MACDOUGALL, 2006; HOWES, 2003; PINK, 2009) e da antropologia digital e gráfica (PINK, 2015; INGOLD, 2013) que têm reconsiderado o papel do corpo, da observação e da experiência, a antropologia multimodal tenta explorar diversas maneiras pelas quais as linguagens multimídia da antropologia podem criar um discurso totalmente diferente para expressar conhecimento antropológico. Nesse sentido, um avanço é feito por Laplantine, que propõe a ideia de pensamento modal, um engajamento antropológico multisensorial com os diversos ritmos e modulações da vida cotidiana, da arquitetura e dos gestos culturais. Para Laplantine, “uma antropologia modal, que é [...] uma antropologia de modos, modificações e modulações, implica um modo de conhecimento capaz de dar conta do caráter dúctil e flexível da experiência sensível” (LAPLANTINE, 2015, p. 106, tradução nossa). A multimodalidade pode ser vista, portanto, como uma nova forma de pensar o sensível, que convoca uma reconsideração da relação entre saber, ser e representar.

No Brasil, o Projeto Temático *O Musicar Local: novas trilhas para a etnomusicologia*, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e ativo entre os anos de 2016 e 2022, assumiu um trabalho de relevo no emprego das tecnologias au-

audiovisuais e digitais nos estudos sobre musicares. Adotamos a ideia de musicar, tradução da palavra *musiciking*, cunhada por Christopher Small (1998), para nos referirmos aos fazeres musicais de forma ampliada, como qualquer forma de engajamento com a música. Assim, musica-se ao participar de uma performance musical, mas também ao ouvir música gravada, ao falar sobre música, ao produzir e compartilhar música na internet, e até ao realizar pesquisas de campo sobre música no ambiente virtual, atividade que se tornou muito comum em tempos de pandemia do Covid-19, devido à impossibilidade da realização de pesquisas presenciais.

Os usos do audiovisual e da multimodalidade nas pesquisas sobre universos musicais estiveram no centro dos debates do projeto temático desde a sua formulação, por meio da linha de pesquisa “tecnologias do musicar”, coordenada pela Profa. Rose Satiko Giti-rana Hikiji, na qual se buscou refletir acerca do papel das “tecnologias da interatividade” (APPADURAI, 1996) na produção das estruturas de sentimento, em contextos de musicar local. Além disso, o projeto foi o ponto de partida para uma série de realizações: formações em audiovisual, com o apoio do Laboratório de Imagem e Som em Antropologia da Universidade de São Paulo (LISA-USP); cursos de difusão para a comunidade externa; oferecimento de disciplinas na graduação e pós-graduação da USP e da Unicamp; organização de um grupo de trabalho (GT) e de duas mostras de filmes nos Encontros Nacionais da Associação Brasileira de Etnomusicologia (ENABET) dos anos de 2019 e 2021; publicação de artigos e coletâneas⁷; produção de filmes; e, agora, a organização do presente dossiê por três de seus membros.

Se tomarmos como exemplo alguns dos trabalhos produzidos por pesquisadores do projeto temático, veremos que tão múltiplas quanto as dimensões do musicar são as possibilidades de acessá-las. Em *Toré*, Alice Villela e Hidalgo Romero propõem uma montagem imersiva e o uso de longos planos sequência para experimentar a “tradução” da experiência sensorial nas performances musicais indígenas para o audiovisual (VILLELA, 2022). Através de *Dois Irmãos*, Yuri Prado defende que, mais do que filmar a música, o etnomusicólogo deve musicar o filme, abrangendo desde a ênfase na escuta durante a captação até a composição de uma trilha sonora (PRADO, 2021). Tendo como base o processo de confecção do videoclipe *Papoula*, Mihai Andrei Leaha e Katharina Hilgenberg propõem o cruzamento de diversas mídias (texto escrito, animações, fotografias, gravações de áudio), de forma a dar conta da complexidade de interações entre os pesquisadores e Kasper, o artista filmado (LEAHA e HILGENBERG, 2020). Em outro trabalho, no contexto da pandemia e da suspensão de eventos de música eletrônica e da cena DIY de São Paulo, Leaha questiona como o sentimento de falta de uma experiência intensa, vivida, forjada na frequência regular das festas, antes da pandemia, se conecta com diversos

⁷ Entre as produções que tratam da noção de musicar local, destacamos Reily e Brucher (2017), Reily (2021) e Villela et al. (2019).

tipos de interações sensoriais e multimodais, no processo de memorização desencadeada ou involuntária (LEAHA, 2021). Em *Tabuluja (Acordem!)*, Rose Satiko Hikiji e Jasper Chalcraft propõem a realização de um processo de pós-produção colaborativo no qual tanto o discurso do protagonista (Shambuyi Wetu) quanto a trilha sonora, a cargo de Yannick Delass, são compostos de maneira improvisada (HIKIJÍ e CHALCRAFT, 2020). Luiza Fernandes Coelho mostra como, no contexto da pandemia de Covid-19, o Bumba Meu Boi da Floresta, grupo por ela estudado, descobriu novos modos de musicar e de usos do audiovisual no ambiente online, indo desde bate papos transmitidos pelo celular até a realização de rituais filmados por diversas câmeras (COELHO, 2021). Por fim, Ke-lwin Marques dos Santos elegeu a fotografia como o meio de expressão para representar a multivocalidade e a multicorporalidade transgressoras do maracatu de baque virado em São Paulo (SANTOS, 2021)⁸.

Nesse contexto complexo, são múltiplas as questões que podemos nos colocar: como o filme etnográfico e os múltiplos produtos da pesquisa multimodal podem representar, apresentar e experimentar musicares diversos? Como eles podem colaborar para uma ampliação dos formatos de produção artístico-científica para além do texto escrito? Como a experimentação e a invenção na interface com outras artes, na práxis audiovisual e multimodal, podem contribuir para pesquisas sobre contextos musicais? De que forma os atos de filmar, gravar, escutar, compartilhar, entre outros, constroem/reforçam/reinventam a relação com os nossos parceiros epistêmicos? Quais são as implicações éticas (direito de imagem, autoridade, representação, devolutiva etc) desses atos e de que forma eles podem informar a realização de pesquisas colaborativas? Como as pesquisas sobre o musicar podem auxiliar na investigação sobre o papel do corpo e dos sentidos na antropologia e em outras áreas?

Os artigos deste dossiê buscam refletir sobre alguns desses desafios e questionamentos. No artigo “Estratégias para el abordaje audiovisual de fenómenos folclóricos”, Fabián Arocena Narbondo desenvolve algumas reflexões sobre o registro audiovisual como ferramenta de investigação musical, mobilizando autores e discussões do campo da antropologia visual e da etnomusicologia. Baseando-se em uma pesquisa realizada durante o mestrado, na qual o autor entrevistou e registrou em suporte audiovisual cerca de 40 músicos (principalmente acordeonistas e bandoneonistas) da região nordeste do Uruguai fronteira com o Brasil, o autor propõe uma revisão de algumas experiências e possíveis categorizações de audiovisuais propostas por diversos pesquisadores. Assim, busca refletir sobre os usos do audiovisual dentro e fora da academia ao mesmo tempo em que apresenta algumas das consequências que foram geradas no trabalho de cam-

⁸ Um panorama das pesquisas desenvolvidas no projeto temático pode ser visto no seguinte link: <https://sites.google.com/unicamp.br/musicarlocal/panorama-musicar>

po através da utilização da câmera, reafirmando o potencial do audiovisual como ferramenta na construção do objeto de estudo.

Como circunscrever os musicares quando eles se dão na relação com seres não-humanos e atualizam outros modos de existência? No artigo “Os cantos-dança guarani, sua territorialidade cósmica e a etnografia como antropologia modal”, de Ana Lúcia Ferraz, os modos de existência dos povos guarani e a centralidade das relações de alteridade para estes conduz a reflexão que envolve o processo de criação de um filme etnográfico e da cartografia do território guarani. Aqui os canto-dança ganham a acepção de uma política cósmica que compõe com todos os seres visíveis e invisíveis que habitam esse território, até hoje não demarcado. A autora mobiliza a antropologia modal como etnografia dos cantos-dança desses povos, a partir de uma revisão da literatura sobre o tema e da pesquisa etnográfica mediada por processos de produção audiovisual, realizada entre grupos mbya e nhandeva, na última década. Neste trabalho, a antropologia modal dá conta dos diferentes modos de existência, configurando uma pluralidade de artes de existir (Lapoujade, 2013; 2017); modos que conquistam sua realidade em variados planos de existência, num mundo em que os seres são realidades plurimodais. O desafio da autora é constituir modos de existência que se encarnam em experiências sensoriais complexas ligadas aos canto-dança.

Como mostra Fabbri (2017), certas práticas são codificadas musical e socialmente a ponto de serem classificadas como gêneros musicais. Entretanto, é evidente que há formas de musicar que escapam às categorias de gênero habituais, como é o caso do lofi hip hop, cujo modo peculiar de criação e recepção leva Sidarta Landarini, em seu artigo “O musicar e a acustemologia no lofi hip hop”, a antes considerá-lo uma rede de “fluxos sonoros-sensoriais”. Para o autor, as noções de musicar e acustemologia foram férteis: a primeira por lhe permitir ver o lofi hip hop como o resultado de uma miríade de personagens (ouvintes, produtores, curadores), usos (estudar, relaxar, compartilhar experiências e sentimentos) e plataformas (playlists, fóruns); a segunda por revelar que a estética de “baixa qualidade” das gravações do lofi hip hop, mais do que somente um dado sonoro, é o vetor pelo qual é possível conhecer, experienciar, construir e compartilhar uma determinada visão de mundo. Esse reconhecimento da vastidão das formas de musicar acaba por exigir uma prática de pesquisa abrangente, capaz de incorporar uma grande variedade de fontes e perspectivas de análise. Assim, o pesquisador analisa gravações; compõe e produz suas obras; reflete sobre seu processo criativo; realiza relatos de ordem íntima; interage com usuários de diferentes plataformas; se vale tanto de reportagens na mídia escrita quanto de vídeos no Youtube; e assim por diante. É verdade que algumas dessas atividades, notadamente aquelas relacionadas às mídias sociais, já fazem parte do nosso cotidiano; o desafio é, portanto, refletir criticamente sobre elas de modo a empregar a abordagem mais apropriada para a investigação de uma prática musical.

Na pesquisa que informa o artigo “Práticas musicais e mídia – (in)visibilidades contemporâneas e distinção social no Instituto Anelo (Campinas-SP)”, conduzida por Fernando Costa Cordovio, a abordagem centrou-se na compreensão da formação dos valores expressos por práticas culturais desenvolvidas pelos jovens de uma instituição dedicada ao ensino de música. O autor contemplou os processos de socialização ocorridos nas diversas instâncias educativas responsáveis pela produção de bens simbólicos ao longo das trajetórias de vida dos indivíduos em estudo. O enfoque apresentado neste estudo, de caráter sociológico, concentrou-se na articulação do viés atribuído às experiências midiáticas no decorrer do percurso institucional, bem como nos efeitos percebidos dessas experiências. A condução da pesquisa possibilitou a identificação de ambivalências nas relações estabelecidas entre a instituição, o objeto de estudo e a mídia. Por um lado, destaca-se o desenvolvimento do capital simbólico pela instituição, resultando significativamente na ampliação da repercussão de suas ações e na capacidade de converter esse capital em outras formas, especialmente as de natureza econômica e social. Por outro lado, observa-se a sobreposição das narrativas dos jovens com aquelas dos especialistas em comunicação, contribuindo para fortalecer a formação de capital simbólico. Esta dinâmica emerge como uma das principais contradições contempladas a partir deste conjunto de discursos, incluindo os de natureza imagética. Além disso, o estudo aponta para a possibilidade de os jovens estarem sujeitos a formas de violência simbólica que são intrínsecas a essas vivências midiáticas. A análise de materiais midiáticos como processos políticos significativos revela um engajamento multimodal com as imagens e seu significado, mostrando que devemos não somente ser proficientes no uso de diversas mídias em nossas produções ou métodos de pesquisa, mas também nos valer de ferramentas oferecidas por diversos campos de estudo (semiótica, sociologia, antropologia) para a análise crítica dos produtos midiáticos elaborados por meios de comunicação, pelos nossos parceiros epistêmicos e por nós mesmos.

O artigo “Cinematic musicking in Mozambique: Lessons from the revolutionary past and models for the decolonial future”, de Karen Boswall, é uma reflexão multimodal sobre o papel da música e do cinema na continuação do legado inacabado do feminismo inicial e da descolonização em Moçambique. O trabalho segue uma análise detalhada do filme moçambicano revolucionário *Sing my Brother* (1981) e estabelece o contexto histórico e o precedente criativo e epistemológico que fundamenta a base do argumento. Em seguida, são apresentados exemplos de uma série contemporânea de filmes produzidos colaborativamente e um documentário web intitulado *Fala Minha Irmã* (Boswall, 2021), baseado no filme produzido e exibido em Moçambique quase quarenta anos antes. Ambos são os resultados audiovisuais de pesquisas etnomusicológicas colaborativas e participativas descritas com minuciosidade pela pesquisadora britânica. A análise não é apenas multimodal, mas também multidisciplinar. Ela se baseia em pesquisas teóricas e práticas nas disciplinas de etnomusicologia, antropologia, estudos de performance e estudos de

cinema africano, procurando assim romper com os silos das coortes e quadros disciplinares acadêmicos em um ato de “desobediência epistêmica” decolonial. Boswall argumenta que a prática local de fazeres musicais audiovisuais é uma abordagem epistêmica eficaz e inclusiva para compreender as experiências e visões daqueles historicamente não valorizados nas formas tradicionais de construção do conhecimento. A concepção de fazeres musicais audiovisuais para a transformação social foi utilizada para abraçar o crescente reconhecimento da necessidade de dar voz a novas perspectivas de pesquisa, e, nesse sentido, o processo de produção e exibição colaborativa do filme *Fala Minha Irmã* tornou-se mais inclusivo, combinando a ênfase analítica e empírica na linguagem da música e dança do filme *Canta Meu Irmão* e introduzindo metodologias colaborativas e feministas, juntamente com ideias musicais e visuais da geração mais jovem de cineastas desenvolvendo sua arte em Maputo, nos dias de hoje. A relação entre música, audiovisual e multimodalidade é complexa e frutífera, e o trabalho entrega um bom exemplo de musicares em contextos de colaboração e reflexividade.

Esperamos que esse dossiê possa reafirmar a fertilidade do filme etnográfico e dos produtos multimodais para a experimentação com as múltiplas formas e dimensões do musicar, assim como para a construção, reforço e reinvenção da relação com os nossos parceiros epistêmicos. Ao mesmo tempo, a apresentação de tantas possibilidades de atuação não deve ser um motivo causador de ansiedade nos pesquisadores, confrontados com o desafio de escolher o formato mais adequado para produzir e partilhar o seu trabalho ou mesmo de se adaptar aos padrões e requisitos das diversas plataformas de comunicação. Antes, esse dossiê é um convite para um trabalho intenso de prática e reflexão artística, ética e política, seja através do cruzamento de diversas mídias ou do aprofundamento em uma delas. Nesse sentido, é papel da universidade e das agências de fomento à pesquisa estimular e reconhecer a importância dessas produções, de modo que a ultrapassagem do formato escrito não seja somente vista como uma excepcionalidade, mas como um modo inovador, potente e duradouro de produção e disseminação de conhecimento.

REFERÊNCIAS

APPADURAI, Arjun. The Production of Locality. In: APPADURAI, Arjun. **Modernity at Large: Cultural Dimensions of Globalization**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996. p. 178-199.

COELHO, Luiza Fernandes. Novas camadas da tradição: usos do audiovisual no Bumba meu Boi da Floresta durante a pandemia do Covid -19. In: X Encontro Nacional da Associação Brasileira de Etnomusicologia (ENABET), 2021, Porto Alegre. **Anais [...]**. Porto Alegre: UFRGS, 2021. n.p.

> Musicar, Audiovisual e Multimodalidade

COLLINS, Samuel Gerald; DURINGTON, Matthew; GILL, Harjant. Multimodality: An Invitation. **American Anthropologist**, v. 119, n. 1, p. 142–146, 2017.

D'AMICO, Leonardo. **Audiovisual Ethnomusicology: Filming Musical Cultures**. Bern: Peter Lang, 2020.

DATTATREYAN, Ethiraj Gabriel; MARRERO-GUILLAMÓN, Isaac. Multimodal Anthropology and the Politics of Invention. **American Anthropologist**, v. 121, n. 1, p. 220–228, 2019.

DAUER, A. M. Research film in ethnomusicology: aims and achievements. **Yearbook of the International Folk Music Council**, v.1, p. 226-33, 1969.

ESTALELLA, Adolfo; SÁNCHEZ-CRIADO Tomás (eds.). **Experimental collaborations: ethnography through fieldwork devices**. New York: Berghahn Books, 2018.

FABBRI, Franco. Uma teoria dos gêneros musicais: duas aplicações. **Revista Vórtex**, v. 5, n. 3, p.1-31, 2017.

FELD, Steven. Etnomusicologia e comunicação visual. **GIS – Gesto, Imagem e Som – Revista de Antropologia**, tradução de Érica Giesbrecht. v. 1, n. 1, p. 239-279, 2016 [1976].

FELD, Steven. Alternativas pós-etnomusicológicas: a acustemologia. **Proa: Revista de Antropologia e Arte**, v. 10, n. 2, p. 193-210, 2020.

GRIMSHAW, Anna. Does Ethnographic Film (Still) Matter? Reflections on the Genre in a World of Multimodality. **Visual Anthropology**, v. 35, n. 2, p. 120-137, 2022.

HARBERT, Benjamin J. **American Music Documentary: Five Case Studies of Ciné-Ethnomusicology**. Middletown: Wesleyan University Press, 2018.

HIKIJ, Rose Satiko Gitirana; CHALCRAFT, Jasper. Collaborative post-production. In: VANNINI, Phillip (org.). **The Routledge International Handbook of Ethnographic Film and Video**. Abingdon; New York: Routledge, 2020. p. 214-223.

HOWES, David. **Sensual Relations: Engaging the Senses in Culture and Social Theory**. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2003.

INGOLD, Tim. **Making: anthropology, archaeology, art and architecture**. Abingdon: Routledge, 2013.

KRESS, Gunther. R.; LEEUWEN, Theo van. **Multimodal discourse: the modes and media of contemporary communication**. London: Bloomsbury Academic, 2017.

KUBIK, G. Transcription of Mangwilo Xylophone Music from Film Strips. **African Music**, v. 3, n. 4, p. 35-51, 1965.

LAPLANTINE, François. **The life of the senses: introduction to a modal anthropology**. London; New York: Bloomsbury Academic, 2015.

LAPOUJADE, David. **Potências do tempo**. São Paulo: n-1 edições, 2013.

LAPOUJADE, David. **As existências mínimas**. São Paulo: n-1 edições, 2017.

LEAHA, Mihai Andrei. “Saudades da festa!”: Triggering sensory memories of DIY electronic music through multimodal practices. **Multimodality & Society**, v. 1, n. 3, p. 407-424, 2021.

LEAHA, Mihai Andrei e HILGENBERG, Katharina. Filming Papoula. Multimodal ethnography and experimental collaborations. **Visual Ethnography Journal**, v. IX, n. 1, p. 38-57, 2020.

MACDOUGALL, David. **The corporeal image: film, ethnography, and the senses**. Princeton: Princeton University Press, 2006.

PINK, Sarah. **Doing Sensory Ethnography**. London: SAGE, 2009.

PINK, Sarah et al. **Digital ethnography: principles and practice**. London: SAGE, 2016.

PRADO, Yuri. Dois Irmãos: relato de um encontro cine-etnográfico. X Encontro Nacional da Associação Brasileira de Etnomusicologia (ENABET), 2021, Porto Alegre. **Anais [...]**. Porto Alegre: UFRGS, 2021. n.p

REILY, Suzel Ana. O musicar local e a produção musical da localidade. **GIS – Gesto, Imagem e Som – Revista De Antropologia**, v. 6, n. 1, 2021.

REILY, Suzel Ana; BRUCHER, Katherine (eds.). **The Routledge Companion to the Study of Local Musicking**. New York; London: Routledge, 2017.

ROUGET, Gilbert. Un film experimental: Batteries Dogon. Éléments pour une étude des rythmes. **L’Homme**, v. 5, n. 2, p. 126-32, 1965.

SANTOS, Kelwin Marques Garcia dos. Femininos transgressivos no maracatu de baque virado. **Fotocronografias**, v. 7, n. 15, p. 48-65, 2021.

SIMON, Arthur. The Eye of the Camera. On the Documentation and Interpretation of Music Cultures by Audiovisual Media. **The World of Music**, v. 31, n. 3, p. 38-55, 1989.

SMALL, Christopher. **Musicking: the meanings of performing and listening**. Middletown: Wesleyan University Press, 1998.

VILLELA, Alice et al. O musicar como trilha para a etnomusicologia. **Revista Do Instituto De Estudos Brasileiros**, 73, p. 17-26, 2019.

VILLELA, Alice. Canto, imersão e intensidade no Toré Kariri-Xocó - o audiovisual como tradução da experiência musical. **Revista Iluminuras**, Porto Alegre, v. 23, n. 61, p. 8-27, 2022.

WRIGHT, Christopher. 2020. The new art of ethnographic filmmaking. In: VANNINI, Phillip (org.). **The Routledge International Handbook of Ethnographic Film and Video**. Abingdon; New York: Routledge, 2020. p. 49-60.

FILMOGRAFIA

DOIS Irmãos. Direção: Yuri Prado. LISA-USP, 32 min, 2021.

SIGUI (séries de 7 filmes). Direção: Jean Rouch e Germaine Dieterlen. Comité du Film Ethnographique, 1968-1974.

TABULUJÁ (Acordem!). Direção: Shambuyi Wetu, Rose Satiko Hikiji, Jasper Chalcraft. LISA-USP, 11 min, 2017.

TORÉ. Direção: Alice Villela e Hidalgo Romero. 17 min, 2022.

TRANCE and dance in Bali. Direção: Margaret Mead e Gregory Bateson. 21 min, 1952.

VOICES of the Rainforest. Direção: Steven Feld. 70 min, 2019.

YENENDI de Gangel. Direção: Jean Rouch. Comité du Film Ethnographique. 40 min, 1973.

Verificado por análise de similaridade do Turnitin



“Musicar, Audiovisual e Multimodalidade”, de autoria de Alice Villela, Mihai Andrei Leaha e Yuri Prado, está licenciado sob CC BY 4.0.

